

UNILA E OS DESAFIOS FUTUROS



Entrevista com a profa Maria Adélia de Souza¹
Realizada por Leticia Marroquim²

A professora e pesquisadora Maria Adélia de Souza teve um papel fundamental para o pontapé inicial do Projeto UNILA. Tanto como uma de suas primeiras Pró-Reitoras de Graduação, quanto como uma pessoa que, a sua maneira e convicção, vestiu a camisa do projeto e disputou cada passo que se dava na instituição. A entrevista tem caráter de explanação sobre o Projeto UNILA, seus diferentes momentos, desafios e conquistas, portanto, uma *mirada* de quem vivenciou cada etapa deste processo é uma contribuição para uma narrativa histórica com o olhar do “*desde adentro*”.

LM. A senhora participou dos primeiros anos da implantação da UNILA, quais foram as maiores dificuldades naquele período?

MAS. Primeiro quero deixar registrado meus agradecimentos ao meu amigo de longa data Helgio Trindade, primeiro Reitor da UNILA, pelo honroso convite que me fez para participar desse fantástico projeto de universidade.

¹ Possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1962), Diploma de Estudos Superiores - DES em Ciências Econômicas, Políticas e Sociais pela Universidade de Paris (1966), com dissertação orientada por Celso Furtado; mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1967) e doutorado em Geografia pela Universidade de Paris I (1975), com tese orientada por Michel Rochefort. Atualmente é professora titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (aposentada). Tem experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Teoria do Planejamento Urbano e Regional. Tem trabalhado nos últimos anos, principalmente, com os seguintes temas: epistemologia da geografia, planejamento urbano, cidadania, lugar e território usado. Possui título de Doutor Honoris Causa das universidades UVA - Universidade Vale do Acaraú de Sobral (Ceará) e UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca. É Catedrática de Direitos Humanos da Universidade Católica de Lyon (França) e recebeu da Academia de Paris o I Premio Internacional da Francofonia, em Urbanismo. Tem livros publicados no Brasil e na França e elaborou as primeiras políticas urbanas do Brasil, da Região Sul do Brasil e do Estado de São Paulo. Tem elaborado propostas a candidatos a Prefeito da Cidade de São Paulo e a Governadores do Estado de São Paulo. Foi Pro-Reitora de Graduação da UNILA - Universidade da Integração Latino-americana e sua pesquisadora visitante.

² Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), desenvolvendo pesquisas e projetos nas seguintes áreas: Educação do Campo, Territórios e territorialidades, agrocombustíveis, Políticas públicas e Mundo rural e Sociologia Rural na América Latina. Seus estudos e pesquisas de Pós-Graduação Strictu Sensu são em Educação do Campo, os quais estão sendo realizados na Universidade do Oeste do Paraná/Foz do Iguaçu pelo programa Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Implantar uma universidade nova é um fato histórico, logo, complexo e difícil. Há tudo por ser feito, mesmo possuindo documentos indicando caminhos e diretrizes como aqueles que foram preciosamente formulados por uma equipe multidisciplinar de colegas professores e pesquisadores competentes, coordenados pelo Professor Hégio Trindade.

Para situar o leitor sobre os desafios enfrentados para fundar, em nosso país, uma universidade temática, internacional, de enorme atualidade, diante do que o mundo do futuro está por exigir, mantida pelo povo brasileiro (fato cuja importância e grandeza política ainda não está compreendida por muitos, inclusive políticos, professores e pesquisadores, o que coloca sempre seu projeto sob ameaça, lamentavelmente), muitos foram os desafios para operacionalizar as diretrizes de uma Comissão organizada para dar conta dos conceitos preliminares e os rumos do projeto UNILA, e dar vida a ele.

Mas as dificuldades reais, do dia a dia, eram imensas, sejam elas de natureza acadêmica, material e mesmo política, apesar de todo apoio recebido, especialmente do MEC e do então ministro Fernando Haddad. Tudo estava por ser construído e buscado: as salas de aula e a relação com o PTI, as formalidades de acesso a uma área de segurança nacional, pois a UNILA até hoje tem boa parte de seus cursos funcionando na área da usina hidrelétrica de Itaipu (área de segurança nacional) e para acessá-la éramos diariamente submetidos às vigilâncias da barreira que todo unileiro jamais esquecerá. É difícil imaginar uma universidade cujo acesso é controlado e vigiado 24 horas por dia! Esta localização da UNILA até hoje dificulta a presença de professores e pesquisadores em seus laboratórios, pois estamos rigorosamente submetidos às normas de uma área de segurança, vigiados permanentemente, nas instalações da UNILA no PTI – Polo Tecnológico de Itaipu.

Mas, tudo isso estava regado por um enorme entusiasmo do pequeno grupo que éramos, nos conhecíamos todas e todos e convivíamos pensando e discutindo dia e noite as ações que íamos implementando, pouco a pouco, interagindo-nos, sempre. Havia um entusiasmo coletivo muito interessante e um enorme fascínio pelo projeto da universidade.

Quando cheguei à UNILA íamos começar o segundo semestre de sua existência. Até aí havia pouquíssimos professores, uma pequena estrutura já montada pelos colegas que cuidavam da área que viria a se institucionalizar como Pró-reitoria de Graduação: o Prof. Orlando Pilati e a Professora Laura Amato. Eles deram os primeiríssimos passos da instituição do curso de graduação da UNILA, durante o primeiro semestre de vida da universidade.

Para a compreensão do início do processo de institucionalização da UNILA após o funcionamento do seu primeiro semestre de existência, no segundo semestre de 2010, torna-se importante distinguir dois caminhos e seus obstáculos.

Há, então, que diferenciar dois tipos de dificuldades, pelo menos: aquelas vinculadas à formulação acadêmica dos cursos, qual seja como organizá-los na perspectiva indicada pelos documentos preliminares existentes, acima citados, e como construir as ementas de cada uma das disciplinas constituintes de cada curso.

A segunda dificuldade é aquela da gestão da universidade, onde me competia instituir os cursos de graduação em uma instituição que montava ao mesmo tempo seu sistema de gestão, do qual a graduação dependia e depende umbilicalmente. Bom lembrar aqui que, até hoje, a UNILA não tem imóvel próprio para seu funcionamento, tendo naquela época sido alojada onde funcionavam outras atividades, inclusive uma universidade estadual

paranaense - UNIOESTE, nas dependências do PTI – Polo Tecnológico de Itaipu que, aliás, desenvolvia suas atividades nos mesmos locais. Essa dificuldade de infraestrutura, seja aquela vinculada às salas de aula (laboratórios ainda persistem, embora não na mesma agudeza do início, evidentemente), seja vinculada à assistência estudantil, como moradia e restaurante, continuam, ao que estou informada, quase na estaca zero. Uma residência estudantil vem sendo construída, mas não disponho de informações quanto a data do término da obra.

Triste, hoje, para mim que estou terminando o segundo ano de colaboração com a UNILA, agora como pesquisadora visitante, constatar que o projeto feito por Niemeyer, nosso arquiteto maior, para abrigar a UNILA, é hoje um esqueleto inacabado, que está sendo devolvido para Itaipu, através de um processo sobre o qual não temos notícia, revelando o abandono e ameaças que temos sofrido na UNILA.

Estive como Pro-Reitora de Graduação, na UNILA, de março de 2011 (quando se iniciava o seu segundo semestre de funcionamento), até maio de 2012, quando terminei de implantar os 16 primeiros cursos, organizar o MODULO UNILA, definidor e garantidor de que a universidade seria referência na formação de conhecedores e pesquisadores do continente latino-americano, garantindo o tripé sugerido pelos idealizadores de sua institucionalização: a interdisciplinaridade, o multiculturalismo e o bilinguismo.

Procurei, dentro das minhas atribuições e competências, garantir a todo custo que o projeto não se deteriorasse, e que os cursos habituais das velhas universidades, para atender demandas míopes do dia a dia, ficassem bem longe da UNILA e sua missão continental.

Para todos os envolvidos, naquela época, não apenas para nós, os unileiros, tudo era novo. Desafios cotidianos e intensos para todos os processos que fazem uma instituição nascer e viver e que exigiram de mim 16 (dezesseis) horas de trabalho diárias, para conseguir coordenar todas as atividades do valente e pequeno grupo que trabalhava comigo, a quem serei eternamente grata. Éramos, ao todo, cinco ou seis pessoas na Pró-reitoria a lidar com uma imensidão de trabalho: normas, procedimentos, atendimentos... O mundo todo de uma universidade em nossas mãos, para a organização da graduação.

Então, lidávamos com o **presente** – os cursos iniciais já precisavam funcionar e os alunos chegavam de vários países da América Latina (como consequência do intenso trabalho de difusão e negociação realizado pelo Reitor Helgio e pelo Vice-Reitor de então, professor Gerônimo de Sierra, professor da Universidad de la Republica – UDELAR, do Uruguai), e também com o **futuro**, qual seja buscar montar uma grade curricular para 16 cursos a serem implantados no primeiro ano de vida da universidade, além de criar as condições materiais e técnicas para o funcionamento do que já existia, cotidianamente: salas de aula, professores em sala – os poucos que existiam até então – contratação de novos professores, montagem de toda burocracia de planejamento, controle e execução das atividades de todos os cursos da graduação. Enfim, instituir e estruturar a universidade, ou seja, construir seu Regimento Interno.

Muitas dificuldades, muitos obstáculos, muito trabalho, mas éramos todos os que estávamos na UNILA naquela época, irmanados e conscientes de que estávamos realizando um trabalho importante para o país e para o continente.

A grande maioria, na época em que cheguei, era constituída de jovens professores – os mais velhos eram os professores *seniors*, vindo para colaborar nessa fase de implantação

da UNILA, através de um programa de apoio da CAPES especialmente criado com essa finalidade. O que sei é que trabalhávamos muito e tínhamos, cotidianamente, muitas pedras para serem removidas do nosso caminho. A UNILA sempre foi um projeto muito vigiado, observado e desejado. Mas essas dificuldades ainda existem, e algumas delas persistem malgrado o esforço feito por toda comunidade unileira para saná-las.

Tivemos muitos problemas nesse percurso que, penso, poderiam ter sido evitados, pois não só não o foram, mas estão ampliados, como o caso da moradia estudantil, do nosso campus e, mesmo, da estrutura acadêmica da UNILA que foi, lamentavelmente, alterada e profundamente burocratizada.

Não foi esse o nosso ponto de partida, ao contrário, imaginávamos que em 2014 tudo estaria resolvido!

Deixei a Pró-reitoria de Graduação em maio de 2012 depois de consolidar muita coisa: a grade curricular, os sistemas de acompanhamento acadêmico, a implantação de 16 cursos, discutindo e instituindo as grades curriculares e participando ativamente das discussões inicialmente com o Reitor e alguns de seus assessores, além de outros reitores com experiência na constituição de Regimentos de universidades. Saí quando esse processo deveria começar a ser discutido pela comunidade.

Um dos temas proposto pelo então Reitor – a paridade – que vivenciei em 1968 na PUCSP, fracassou como, aliás, todas as experiências nesse sentido. Segundo minha leitura, esse processo excessivamente politizado deixou a UNILA paralisada, dividida, fragmentada por um longo tempo. Prejuízo acadêmico, político, científico que, vergonhosamente, para toda comunidade universitária do mundo, foi resolvido judicialmente, manchando as tradições mais nobres da autonomia e liberdade acadêmicas da instituição universitária.

Mas tais processos são normais em qualquer universidade, sobretudo nas novas! Isso não é demérito, mas inexperiência de vivência em uma instituição tão complexa como são as universidades. Deve ser entendido, por todos nós, como vitalidade, vontade de construir uma universidade contemporânea.

Tive muito prazer em ser convidada, por meu amigo de mais de cinquenta anos, Héglio Trindade, para participar desse processo, naquele início. E sinto-me muito honrada com isso.

LM. Como analisa a estrutura de funcionamento da Universidade? Divisão em Institutos, Centros Interdisciplinares e Coordenações. Essa estrutura aponta para inovação no sistema de Ensino Superior?

MAS. Trabalhamos muito naquela época na discussão da estrutura da UNILA. Após meses de diálogos, discussões, incumbiu-me o Reitor de organizar uma proposta da estrutura da universidade, nomear os Institutos e Centros, distribuir os cursos entre eles, o que fiz com enorme prazer, buscando uma funcionalização contemporânea dos aprendizados disciplinares absolutamente indispensáveis; buscando, também, sair dos séculos XIX e XX, que fundamentam as nossas universidades mais velhas, para imaginar a matriz de funcionamento dos nossos, de maneira que o tripé fundador os permeasse: a

“O bilinguismo (este, felizmente hoje, já se transformou em plurilinguismo)”

interdisciplinaridade³, o multiculturalismo e o bilinguismo (este, felizmente hoje, já se transformou em plurilinguismo, mais apropriado à realidade latino-americana, e, cada vez mais acolhedora de povos do planeta).

Essa estrutura que inicia o funcionamento dos Institutos e Centros, e sua constituição, foi estudada de modo a garantir a formação latino-americana na graduação (que denominei Módulo UNILA, o mais importante e que daria sua identidade, foco da multidisciplinaridade, para o conhecimento da interdisciplinaridade que caracteriza a realidade da América Latina); a disciplinaridade profunda, pois afinal há que se formar os alunos, disciplinarmente; e a proposta do bilinguismo sobre o que eu já conversava com os colegas de então, que deveria se estender para as línguas ainda faladas em nosso continente; logo, com vistas a criar um Instituto de Línguas, pois esse é um tema central da Integração, a expressão linguística.

Mas, o Instituto seria, como tive a oportunidade de dizer para meus colegas, um projeto de futuro. Muitas são as línguas a serem ensinadas em um projeto robusto de integração do nosso continente.

Estudei muito, fiz consultas a colegas pesquisadores de muitas áreas, de diferentes universidades brasileiras e latino-americanas que conhecia e que nos visitavam, colhendo informações para que essa estrutura e sua dinâmica fossem bem definidas. Mas a UNILA, como projeto altamente diferenciado, exigiria um processo permanente de formação e adequação de seus professores para o cumprimento dessa missão e trabalho nessa estrutura que não é simples, mas altamente complexa.

As discussões acadêmicas sobre a estrutura da graduação, seus conteúdos, a compreensão até hoje complicada do que sejam seus fundamentos: uma universidade temática, de caráter internacional, fundada nos pilares do bilinguismo, da “interdisciplinaridade” (conceito) (que acho é mal compreendida ainda na UNILA, onde se confunde o sujeito (a comunidade unileira diretamente ligada ao ensino, ou seja, professores e alunos) com a coisa – A INTEGRAÇÃO LATINOAMERICANA, objeto de ensino, pesquisa e extensão explícito dessa universidade) e da multiculturalidade. Além da montagem de todos os sistemas da gestão acadêmica, administrativa, financeira e técnica.

Enfim, foi um terreno novo para o plantio de um dos mais audaciosos, criativos, bonitos projetos de universidade que já conheci. Mas ele abortou muita coisa, tanto na sua estrutura quanto na forma, no conteúdo e no processo. Ainda não conseguí apreender se algumas das mudanças decorrem do próprio processo de instalação da universidade.

Na estrutura ele abandonou a ideia inicial de Centros, onde os cursos se instalariam, sob a mesma coordenação, dada a pedagogia necessária a ser implantada em uma universidade temática e as práticas de ensino e pesquisa multidisciplinares indispensáveis para o alcance da questão da integração latino-americana, tema necessariamente interdisciplinar (este atributo da realidade, não do sujeito como pensam por lá e por muitos lugares, equivocadamente).

Ao invés disso, hoje, a função do coordenador de Centro ficou completamente esvaziada em função do que havíamos pensado, algo importante e inovador. Ele seria um professor

³ Em realidade a multidisciplinaridade, que se dá com a práxis, pois, a interdisciplinaridade é atributo da realidade e não se dá com ajuntamento de disciplinas ou de cursos. Ela é a expressão ainda incipiente do que SARTRE já chamara de TOTALIDADE.

bem qualificado, um “chef de orquestra” capaz de coordenar a criação e montagem dos conteúdos multidisciplinares para a prática interdisciplinar, além de comandar o processo de ensino disciplinar, o que não poderia ser diferente.

Sem função, esse coordenador de centro atrapalha o coordenador de curso, não interfere na dinâmica dos institutos interdisciplinares e tornou-se um despachante administrativo, ao invés de comandar a possibilidade de inovação acadêmica pretendida e chave da criação do novo no projeto da UNILA.

A instituição do coordenador de Curso esvaziou a função do coordenador de Centro que era central no projeto inicial, ainda mais agravada pela introdução das áreas, e criou o que queríamos evitar que é o coordenador de Curso, o antigo Chefe dos velhos departamentos e seu conselho que, na UNILA, foi substituído por colegiados, cujos membros se comunicam alucinantemente por e-mail ou whatsapp, para toda e qualquer decisão, independentemente da sua importância, como se fossem gerentes de bancos exigindo uns dos outros assinaturas e permissões para aprovação de créditos. A pressa e o quantitavismo produtivo ferindo também de morte a universidade.

Isso tudo, segundo minhas informações e interpretações, envelheceu o projeto da UNILA, certamente por falta de criatividade e coragem de seus professores de ousar, ou, o que é pior para um professor e pesquisador universitário, a falta de coragem de sair de sua zona de conforto, da formação que teve por vezes em pequenas universidades privadas do interior, que estão muito aquém do que se deve denominar uma Academia, dadas as características da nossa formação socioespacial e a mercantilização profunda da educação, em todos os níveis e em todas as localidades.

Como acontece hoje em todas as universidades brasileiras, o corpo docente da UNILA, sufocado pelo poder da burocracia, abre mão, até involuntariamente, do único poder que temos e que é, aliás, o único que vale na universidade: o poder do conhecimento, aliado à liberdade de cátedra e a autonomia da universidade, para tomar decisão sobre o que acontece nesse tipo de instituição. Jovens dirigentes da comunidade imaginam que a universidade deve ser administrada como um sindicato, ou como um partido político, baseando-se em uma paupérrima discussão conceitual e política sobre o mérito, que confundem com meritocracia. Então, entregam-se nos braços e afagos da burocracia excessiva que, na universidade, é extremamente pernicioso e coíbe a liberdade de cátedra, pois não a entende e não patrocina nem possibilita o funcionamento mínimo das estruturas de ensino e pesquisa. Os funcionários, mal treinados e orientados pelos seus chefes, despejam sobre os professores uma quantidade enorme de tarefas que estão sob suas responsabilidades.

Assisto, cotidianamente, na UNILA, uma inversão de papéis, o que interessa a alguns professores, pois lidar com a burocracia não exige conhecimento acadêmico, ao invés de dedicar-se aos estudos e ensinar com competência sua disciplina. Causa-me espécie também a forma de tratamento entre os diferentes agentes acadêmicos no cumprimento de seus respectivos papéis na divisão técnica do trabalho universitário. Tudo parece estar bastante confuso: funcionários assemelhando-se a professores e professores tornados funcionários. Mas isso também vejo em muitas outras universidades brasileiras velhas, ainda hoje.

Faltou coragem, tanto aos dirigentes quanto aos professores, para fazer a boa luta acadêmica na UNILA. Decidiram pela militância na disputa de cargos e funções, com suas respectivas gratificações, prejudicando o avanço do conhecimento para todo um povo deste incrível continente! Essa é minha interpretação política sobre a gestão da universidade e sobre jovens unileiros, professores e alunos.

Não percebeu a comunidade da UNILA que ela tinha um enorme desafio intelectual, político e pedagógico pela frente, e que ela deveria sempre assumir a postura de abandono do velho e guardar suas energias para criar de fato o novo! Não há novidade, por exemplo, na velha proposta da paridade que interfere no processo de ensino e pesquisa, em função do tempo que professores e alunos dedicaram a militância, ao invés de investir na criatividade para imaginar e criar uma universidade da natureza da UNILA, fazendo com que ela de fato formasse acadêmicos com clareza sobre os temas e problemas da integração latino-americana, que no futuro poderiam, então, optar pelos caminhos históricos desse continente, lá em seus países de origem.

Importantes questões relativas à missão da universidade ainda estão pendentes, qual seja o reconhecimento dos diplomas de seus egressos. Para isso é necessário que a UNILA discuta sobre as leis educacionais do ensino superior do nosso país, que ela não pode cumprir. Cito o exemplo dramático das licenciaturas. Implantar a licenciatura na UNILA numa perspectiva latino-americana é tarefa que exige um enorme esforço de constituição do curso, de seu conteúdo e reconhecimento nos países de origem dos alunos, do diploma a ser outorgado. Questões seríssimas, de institucionalização e relações intergovernamentais e internacionais, que não tenho notícias de estarem sendo tratadas pela UNILA, sobretudo agora.

Isso exigiria que todas as professoras e professores se dispusessem a sair de sua zona de conforto, em termos de suas formações, e decidissem mergulhar a fundo no projeto multidisciplinar da UNILA, comprometendo-se com o conhecimento profundo da realidade latino-americana que, insisto, é interdisciplinar. A interdisciplinaridade é uma prática que seria resolvida dentro de cada Instituto, e entre institutos, com didáticas e pedagogias distintas, em torno de temas considerados relevantes pelo e para o acúmulo do conhecimento já produzido para e pelo povo latino-americano. A prática do conhecimento aplicado necessariamente precisaria ser coletiva, e os formatos das sessões de ensino e aprendizagem precisariam ser diversificados e diferenciados das aulas de transmissão de conhecimento disciplinar.

Aprofundei bastante tudo isso, mas deixei a UNILA antes de iniciar esse trabalho. A resistência dos professores – de alguns deles pelo menos – já se manifestava inclusive na correção dos títulos dos cursos, já contaminados por metáforas. Creio que hoje a universidade já não traduz mais aquele projeto que íamos pouco a pouco imaginando. Aliás, a instituição dos Centros, onde não caberia a ideia de curso nos moldes das universidades velhas, foi abandonada e criou-se o velho no novo – o coordenador de curso e o coordenador de Centro, além do Diretor do Instituto. Alguém aí está sem função, mas complicando burocraticamente e atrapalhando a dinâmica institucional. Não me aprofundarei aqui nessa análise e nem nessa crítica, pois penso que isso não interessa a UNILA atualmente e que faz parte de um processo de aprimoramento. Tentei contribuir com ele discutindo esse projeto que abordo aqui rapidamente, em duas conferências que fiz

nos últimos dois anos na universidade, nas quais tive um público mínimo, mas atento, sobretudo, de alunos.

A UNILA é constituída de jovens e valentes professores e funcionários a quem cabe conduzir as dinâmicas da divisão acadêmica do trabalho que existe, para que a formação dos alunos seja primorosa e sem incidentes. Isso hoje na UNILA está precisando de ajustes urgentes e sérios, segundo acompanhamento quase que diariamente pela internet, ou, nos últimos dois anos (pela minha permanência como pesquisadora visitante da universidade), buscando usar suas estruturas e conviver com os alunos, professores e funcionários .

Capacitação de funcionários, seminários disciplinares e interdisciplinares entre professores, capacitação quanto ao conhecimento do continente latino-americano de professores, aprimoramento da gestão e dos processos burocráticos abundantes sendo criados, e por aí vai. Toda universidade precisa ficar vigilante com relação a esses aspectos, não apenas a UNILA. Quando isso não é enfrentado, os circuitos de produção acadêmica e os círculos de cooperação se rompem teórica, acadêmica e funcionalmente e o que toma lugar é o pacto da mediocridade. Este pacto é mortal não apenas para a universidade, mas para a sociedade como um todo, a partir das gerações de jovens que são atingidas pelo pacto, enquanto estudantes.

LM. Uma das questões, muitas vezes não compreendida na UNILA, é sobre ser uma universidade para a integração latino-americana e estar submetida à legislação brasileira. Como a senhora analisa a Instituição, e como ela pode se diferenciar das demais Universidades do Brasil?

MAS. Pois é! Mas como eu disse logo no começo, a UNILA é um projeto de Estado, aprovado pelo congresso nacional por unanimidade, logo é um projeto do povo brasileiro oferecido ao continente.

Trata-se de um belíssimo projeto político do povo brasileiro, criado por um Presidente cuja postura política diante da constituição do mundo contemporâneo vê a América Latina como o continente que ajudará a manutenção da vida no planeta, como, aliás, tem ajudado desde o início do século XVI.

Mas é bom lembrar que a UNILA não recebe professores prontos, conhecedores da América latina! No Brasil, são raras as universidades que oferecem disciplinas na graduação ou opções de formação pós-graduada sobre o continente latino-americano! Sabemos disso e creio que a maioria das universidades latino-americanas segue também o nosso modelo de ensino... Não aprofundo esta questão aqui, pois não é o espaço adequado. Mas essa ausência de profissionais conhecedores do continente é um limite a ser enfrentado academicamente pelos professores da UNILA, sejam eles brasileiros ou não, e pelos dirigentes da universidade.

A questão da Integração, tal como é feita pelos corredores, mas que tristemente ainda não adentrou as salas de aula é, a meu ver, bizantina. Digo isso, pois, na universidade, a opiniática não vale nada, nem o discurso político, por mais bem constituído que ele seja. Na universidade vale a ciência como objetividade, sem filtros ideológicos.

A UNILA só pode ser contra ou a favor da integração através das pesquisas realizadas pelos seus professores e suas buscas científicas, individualmente. Individualmente, penso

que os professores da UNILA tem o dever ético de fundamentar suas posições a favor ou contra a integração.

Mas os professores “da casa”, como dizemos, têm obrigação de ajudar nessa tarefa, em todas as disciplinas, em todas as pesquisas, aceitar ou refutar a integração como forma política, cultural, econômica de relação entre os países do continente.

Posso estar equivocada, mas ainda não vi trabalhos publicados na UNILA nesse sentido, até porque sua pós-graduação ainda é muito jovem, em fase de experimentação e implantação.

Os títulos dos cursos implantados revelam ainda essa sua juventude! Mas ela precisa andar bem mais depressa na formação dos alunos e mestres. E tenho certeza de que pensa nisso também, pois sinto em conversas com colegas e seus projetos de futuro dentro da instituição - sempre dificultados por essas condições ainda precárias, que vem da fase inicial - que pela complexidade de uma universidade temática, sua institucionalização se alonga mais que uma universidade regional intranacional, ou uma universidade clássica. O projeto UNILA não é simples e nem pode ser julgado ou avaliado com simplicidade e, menos ainda, por amadores em ensino, ciência e produção de novas tecnologias. E há outra questão a ser aprofundada: a questão dos avaliadores da UNILA. Não terei espaço aqui para cuidar disso, mas a UNILA enfrentará, se é que já não enfrenta, problemas dessa ordem em seu cotidiano acadêmico. Que fique atenta!

LM. Como a senhora analisa o tema da internacionalização e a proposta de torna-la uma universidade regional?

MAS. A UNILA tem como missão clara, legal e explícita um objetivo de internacionalização, e vem se preparando para isso recebendo alunos e professores de quase todos os países da América Latina. Os brasileiros ainda predominam, porém isso se deve, por vezes, à falta de divulgação de concursos ou disponibilidade dos países em professores, dos quais a UNILA necessita.

Falar em interiorização do ensino no Brasil e colocar a UNILA nessa perspectiva, além de ser uma ilegalidade é desrespeitar seus membros atuais – professores, alunos e funcionários – numa demonstração de ignorância política com relação ao futuro do mundo e do continente, além de ser um crime contra a vontade do povo brasileiro expressa pela votação, por unanimidade, no congresso nacional, da lei que a criou.

Pensar de outra forma, desqualificar sua criação e elaborar um projeto alternativo para ela é demonstração total de ignorância por parte de quem tem ou terá essa ideia na cabeça e, pior, a revelação explícita de uma postura política incompatível com o futuro do mundo, quero dizer fascista, além de uma pobreza inominável na compreensão das possibilidades a serem garantidas para a evolução do ensino superior aqui e no mundo.

Difícil acreditar que pessoas de qualificações e funções sociais diversas ainda permaneçam olhando para o passado, quando é no futuro que viveremos! E é com ele nosso compromisso!

*“Bizantina e desonesta
essa perspectiva de
interiorização do
ensino no Brasil,
valendo-se da UNILA”*

A UNILA, penso, é um dos raros projetos universitários e de futuro com perspectivas generosas e democráticas de que se tem notícia, e que está sendo implantada no mundo!

Bizantina e desonesta essa perspectiva de interiorização do ensino no Brasil, valendo-se da UNILA. Ela não se sustenta tecnicamente e, menos ainda, politicamente, a não ser na perspectiva dos “negócios” que predominam hoje no Governo e na Câmara Federal, pois revela um provincianismo no trato da coisa pública, além de uma ignorância a respeito das necessidades continentais. Ou, por outro lado, politicamente defendida essa ideia, além de tudo o que foi explicitado acima, a proposta é reveladora de uma subserviência a interesses antibrasileiros, entrando na “bacia dos negócios políticos” que visam aniquilar com a inteligência brasileira, seja lá como for! E, esse medíocre e equivocado processo já está em marcha, a partir do falso moralismo de alguns dirigentes do sistema judiciário que sustentam e alimentam esse golpe político, ao qual estamos hoje submetidos.

Mas, os compromissos que já estamos desenvolvendo com os países da América Latina em nome do povo brasileiro, diante da comunidade internacional, como ficam? As questões e consequências diplomáticas que advirão entre os países que já tiveram seus cidadãos formados por nós, que estão satisfeitos e nos enviam ano a ano mais alunos, apesar da ineficiência que temos demonstrado na consolidação desse magnífico projeto educacional que é a UNILA?

Há muita coisa em jogo quando se ataca uma instituição universitária! Suas relações com o mundo são candentes, políticas e científicas!

Mas, vamos confiar que a maturidade e responsabilidade da nossa classe dirigente, seja na Educação, na Política e na Cultura prevalecerão.

Caso contrário, só nos resta a luta, com apoio firme internacional, universitário.

LM. Qual a sua análise sobre a UNILA atual? A senhora acha que ela alcançou a interdisciplinaridade? Como a senhora avalia o desenvolvimento do projeto UNILA? Alguma dica? Qual o caminho a seguir ou perseguir?

MAS. Boa parte destas questões já respondi nas anteriores, pois é difícil segmentar a reflexão sobre uma instituição tão complexa como a universidade!

Como ainda não abandonei o pensamento crítico, que me move tanto na vida acadêmica quanto pessoal, tenho feito críticas contundentes não apenas a UNILA, mas a toda universidade que conheço, trabalhei ou visitei. Os tempos dessa modernidade mal resolvida invadiram as mentes e, por conseguinte, influenciaram o trabalho e a vida acadêmicos. Minha análise sobre a produção do conhecimento não é das mais agradáveis. Estamos com dificuldades de aceitar a nova racionalidade do mundo, que de econômica (como foi por quase 500 anos), passa a ser política. E da política à ideologia é um pulinho. Mas a ideologia sem política é mortal para esta última! Creio que essa doença sutil e infantil, de trazer a ideologia como ferramenta institucional universitária, tem matado as universidades. O exemplo mais perverso é a invasão das ideologias neoliberais, que deram origem a pseudoconceitos que se apropriaram das mentes em geral, e da universidade em particular, com uma enorme gravidade, pois na universidade não podemos tergiversar! E esse “milagre” se dá com as metáforas tornadas conceitos, plantada em ambientes de analfabetos epistemológicos e teóricos, quais sejam, por exemplo: a sustentabilidade, a inclusão social no capitalismo, a questão ambiental, a segurança alimentar e por aí vai!

Como dizia Darcy Ribeiro, os neoliberais travestidos de esquerda transgredem a ciência e se imaginam intelectuais de esquerda, ensinando e pesquisando.

A UNILA, tristemente, carrega esse fardo. Basta olhar o enunciado de seus cursos! Eivados de metáforas, ou seja, desconhecem o que seja a fundação de uma disciplina na divisão do trabalho acadêmico!

A UNILA não tocou sequer na interdisciplinaridade porque a maioria daqueles que lidam com esse conceito, no Brasil, foram equivocadamente seduzidos pelas ciências da informação e da administração, que lidam com ela há mais tempo, mas não teorizaram sobre esse uso. Os demais cientistas passam a usar definindo-a da forma mais tosca e simples possível, sem refletir profundamente sobre o campo da epistemologia, da Teoria do conhecimento, da Filosofia da ciência; passam a usa-la como um atributo do sujeito. A interdisciplinaridade está no enunciado do projeto de pesquisa que realizam. Tremenda bobagem! Como vem sendo usada no Brasil e alhures, isto é, dessa forma. A interdisciplinaridade é apenas um discurso muito praticado, porém impossível de ser realizado. Somente trabalhos complexos, que exigem expertises multidisciplinares, são capazes de dar conta da interdisciplinaridade, tal como eu a compreendo.

A UNILA tem uma bonita historia e foi criada num momento de respiro democrático do Brasil. E assim sendo, ela sofre todas as agressões que a democracia brasileira sofre. Logo, a UNILA como projeto pioneiro, de futuro e democrático, pela sua temática, precisa compreender que seu processo de institucionalização exigirá, para vingar, tenacidade, espírito acadêmico coletivo e não apenas politiquês, tolerância e um respeito às responsabilidades de cada uma das funções executadas pelos participantes da divisão do trabalho acadêmico.

Mas a UNILA já embarcou em todas as novidades neoliberais: professor sendo substituído por alunos em muitas tarefas acadêmicas; alunos achando ótimo virar professor ou “monitor” antes de ser alfabetizado; professores assinando trabalhos de aluno para cumprir com o produtivismo exigido pela CAPES, que ele condena, mas não combate, abonado pelas nossas representações que lá tem estado; o carreirismo arrivista sendo serenamente alimentado, quando funções estritamente acadêmicas e universitárias são preenchidas, despidamente, por inexperientes e jovens professores, por funcionários sem preparo e quiçá, sem curso superior, confundindo-se a gestão acadêmica com uma outra qualquer, um balcão de negócios internos; o produtivismo quantitativo avançando às soltas... etc. etc.

*“a UNILA já
embarcou em todas
as novidades
neoliberais”*

Estas características, que são hoje propostas pelo governo através da CAPES, para dizer a comunidade internacional que temos uma posição importante no Bingo Internacional das Universidades (o BIU, como denomino), nos transforma em seres acadêmicos desprezíveis, diante da magnitude e importância da nossa função social que é preparar pessoas para dirigir o país em todas as dimensões da vida social; e onde se elabore sobre o futuro do mundo.

Tristemente, a UNILA tem espelhado tudo isso, despidamente! E todo esse processo tem sido legitimado pelos reitores, ainda que involuntariamente. Basta analisar o organograma da UNILA para compreender seus pactos políticos! Ai reside um dos seus

maiores problemas: estar ética, política, administrativa e gerencialmente preparada para a sua complexa e difícil missão.

Para tanto, a UNILA precisaria rever-se, estar disposta a conversar, a avaliar-se, a colocar a vida acadêmica acima da militância externa a ela, pois o ensino e a pesquisa exigem do professor, do pesquisador, posturas políticas eternamente trabalhadas com rigor, com liberdade, como atributo pessoal, tal qual a ética. Não se vota ou se aprova em assembleia alguma aquilo que o professor deve ensinar. Ele é quem deve ter competência e preparo para sua função, que deveria ser permanentemente avaliada nos congressos, seminários, colóquios, aos quais a sua produção deveria ser submetida, avaliada e, se importante, ser citada. É na citação que a importância da obra é avaliada e eternizada. É na construção dos objetos e produtos, os quais, submetidos às instâncias políticas e econômicas, são destinados a população que financia a educação. Cabe à sociedade como um todo democratizar a universidade, ficando de olho nela.

Mas até agora não conseguimos seduzi-la! Seduzimos apenas aquelas e aqueles que têm interesse mercantil no que produzimos: de um lado as empresas, de olho nas patentes sejam lá do que for e, de outro lado, os doidos para serem “doutores” e professores e melhorar sua vida... ascendendo, com isso, socialmente. Acadêmicos de verdade, hoje, são exceções!

Não se resolve a democratização da universidade intramuros, entre pares, apenas. Nossos produtos – o ensino e a pesquisa, basilares do trabalho acadêmico estrito senso – precisam e devem sempre ser avaliados pela sociedade como um todo, em tempo diferente dos quatro ou cinco anos que decide um ciclo da vida acadêmica.

Há muitos equívocos a serem discutidos e revisados na vida universitária assolada pelas fofocas de gabinete, pelos processos corporativos profissionais, de companheiros e de comadres (aqueles que não pertencem a nada e a ninguém, a não ser a seus projetos individuais, sustentados por aqueles que pertencem a seus pactos medíocres).

Não sinto a UNILA entusiasmada pelas lutas políticas! Não vi isso em episódio recente quando um senhor da região, a quem me nego atribuir-lhe o título de político pelo respeito que preciso ter com a Política, queria decidir sobre o futuro da UNILA, de maneira rasteira, revelando sua incompetência e de sua assessoria. Não foi então difícil, uma pequena minoria da UNILA organizar-se e defenestrar aquela intencionalidade, por enquanto.

Mas milagres não existem! Ou a UNILA realmente briga para ser a universidade da integração latino-americana, ou pouco a pouco ela mesma se transformará em uma universidade do interior do Brasil, pois sua condição para a execução do projeto inicial era aos poucos se transformar de fato em uma universidade internacional, com 50% de sua comunidade, pelo menos, composta de latino-americanos, juntando-se aos brasileiros, no cumprimento dessa função politicamente necessária para o continente e sua soberania.

Quem viver verá!

Cabe a UNILA encontra-las, o que junto com meus raríssimos colegas e alunos que encontro como pesquisadora visitante tenho tentado fazer, nos últimos dois anos.

Mas não será fácil recuperar nem o tempo, nem o projeto bastante desfigurado e coloca-lo no rumo certo, a partir da prática realizada pela universidade, no ensino, na pesquisa e na extensão.

Tomara que eu esteja equivocada! Completamente equivocada!

Mas, estarei até o último instante, lado a lado com os meus colegas unileiros, brigando por esse magnífico projeto de universidade temática e internacional que é a UNILA, reconhecendo o imenso esforço de todas e todos que nela estão independentemente das minhas observações críticas!

Há que se reconhecer o caminho difícil, caminhado...

Professora Maria Adélia, é com muito carinho e honra que a **Revista Sures edição n.º 11**, recebe sua atenção e participação nesta caminhada de diálogos desde a *Sures*.